Sexo em Colônia

Um Ensaio sobre a Atração Inter-Racial Brasileira Durante o Período Colonial

Ricardo Cardoso

Resumo:

O ensaio trata de estudar um tipo de atração sexual constitutiva da miscigenação brasileira na época colonial: a inter-racial. O material usado é baseado nos registros feitos pela Igreja em visitações eclesiásticas, como as do Tribunal do Santo Ofício, e nas pesquisas de alguns historiadores. A ideia é mostrar a variabilidade da vida na Colônia e a fugacidade das relações que refletiam a não adequação de um modelo cultural europeu nos trópicos.

Palavras chave: Brasil – Colônia – miscigenação – sexo – identidade

O ensaio a seguir foi submetido à avaliação do Professor István Yancsó como um estudo a ser aprofundado e estruturado em uma futura iniciação científica. Com muito receio apresentei a proposta a ele. Este sentimento vinha da ciência da vida política que o professor experienciou, sendo perseguido pela ditadura, exilado na França e profundo conhecedor das teorias marxistas. Como ele se interessaria por um tema que poderia achar inócuo? Sua resposta mostrou que inócua era minha dúvida. Com sua peculiar gentileza e desmesurada atenção me ensinou que nada é descartável numa sociedade que tenta o tempo todo praticar a própria descartabilidade. O sexo e sua força nos forma literalmente e, no caso do Brasil, podemos ver o quanto a variabilidade é produtiva e generosa. Dedico esse trabalho a ele e sua força. Agradeço o profundo interesse que Luiz Mott, admirado pelo próprio professor István em seu pioneirismo no estudo do campo da sexualidade na História do Brasil, demonstrou em conhecer minha pesquisa tão imatura nesta fase.

Ricardo Cardoso

São Paulo, abril de 2010

I. Preliminares – As Carícias Iniciais

Há muito se tem falado acerca da miscigenação no Brasil, e no fim do século XIX, impulsionados por movimentos pseudocientíficos europeus, como o darwinismo social, toda uma geração de intelectuais voltou-se à investigação do tema, tentando justificar uma solução viável para as mazelas sociais e para a construção de uma identidade nacional. Surgiram muitas questões, e a principal delas foi: Teríamos herdado as melhores características das três "raças" que nos compõem? Ou as piores?[1] No decorrer do século XX, o debate ainda vai configurando-se de muitas outras formas, desde o *evidente branqueamento* da população, alardeado por Oliveira Vianna em seus estudos, até tornar-se uma espécie de orgulho nacional em manifestações da envergadura da música popular brasileira. Mas como teria se dado esse fenômeno do surgimento de um povo mestiço, que em sua totalidade foi forjado em alguns séculos de convivência por três raças que a princípio deveriam ter seus lugares intransponivelmente definidos na sociedade colonial?

A resposta, ou ao menos boa parte dela, deve necessariamente passar pelo sexo, pela atração sexual entre indivíduos de diferentes raças, muitas vezes recíproca, pois é impossível justificar o número de mestiços no período colonial apenas pela proposição de que senhores de engenho obrigavam suas escravas à "cópula", engravidando-as, embora, como sabemos, isso tenha ocorrido maciçamente. Alguns historiadores se debruçaram sobre a sexualidade brasileira deste período, dentre os mais recentes destacam-se, particularmente, Luiz Mott e Ronaldo Vainfas. Os dois escolheram mirantes particulares para avistarem esse vastíssimo horizonte. Mott viu do mirante das relações homossexuais, ou dos excluídos. Vainfas viu do mirante do despudor da Inquisição em tentar normatizar o despudor colonial. Minha intenção, ao contrário de tentar atingir estas admiráveis posições panorâmicas, é a de apenas refletir sobre a inegável atração sexual que as diferentes tonalidades brasileiras das gentes coloniais exerciam, igualmente, entre si.

II. O Ato – Primeiro e único

Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao rei Dom Manoel, *o Venturoso*[2], expedida de Porto Seguro no primeiro dia de maio de 1500 e considerada a certidão de nascimento do Brasil, parece dizer que a "vergonha", decorrente do

---

1 Para o aprofundamento do tema, ver Schwarcz, Lilia Moritz, *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, SP, Cia. das Letras, 2004.

2 Pereira, Paulo Roberto (org.). *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ, Nova Aguilar, 1999.

primeiro pecado de Adão e Eva, não desembarcou das naus com a tripulação lusitana na nova terra: "Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha". A atração sexual inter-racial (*etnoinversão* – estranho termo, usado até recentemente nos meios acadêmicos) já se anuncia neste trecho, porém se intensifica ainda mais com a comparação: "E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima daquela tintura, e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela". O caminho para a conexão sexual entre europeus e a gente da terra estava aberto.

Com a chegada dos primeiros escravos africanos esta relação ganha, literalmente, novas cores. Os negros pertenciam a incontáveis culturas que possuíam seus próprios protocolos sexuais, muito diversos da ortodoxia monogâmica judaico-cristã da sociedade branca. Como exemplos dessa diferença, podemos citar: os Sapes da Guiné que ofereciam suas mulheres aos visitantes em sinal de boas-vindas[3]; algumas tribos no Benin onde mestras alargavam as vaginas das meninas pré-adolescentes e as incentivavam a relacionarem-se com rapazes e outras moças masturbando-se mutuamente; e regiões dos atuais Congo e Angola onde eram muito respeitados os homossexuais que se vestissem e comportassem como mulheres, sendo atribuído a alguns deles a liderança espiritual da tribo. Também havia os grupos que cultivavam hábitos repressivos, como os Fulas, também da Guiné, que amputavam os clitóris das meninas para impedirem-nas de, quando adultas, usufruírem de prazer sexual.[4] Na senzala, os indivíduos, isolados desses grupos, se encontravam e lá mesmo poderiam começar o intercurso entre esses costumes. Ou sua opressão.

Forçoso é lembrar que a própria dinâmica do antigo sistema colonial instaurava um clima permanente de tensão nas colônias. A promoção primitiva de acumulação de capital na metrópole desenvolveu o tráfico negreiro como frente de obtenção de lucros, e isso estimulou a fixação do renascimento do

---

3 Os índios tupinambás quando capturavam um membro de uma tribo rival também lhe ofereciam uma companheira sexual até chegar sua imolação e devoração antropofágica. Ver Agnolin, Adone, *O apetite da antropofagia.* São Paulo, SP, Humanitas, 1998.

Alguns dos casos citados neste ensaio foram descobertos e utilizados na pesquisa e nos trabalhos de Luiz Mott sobre a sexualidade nas colônias americanas portuguesas. Os exemplos neste parágrafo foram retirados de Mott, Luiz, *O sexo proibido*. Campinas, SP, Papirus, 1988, pág. 22-31.

4 Em algumas culturas contemporâneas, essa prática ainda é realizada.

escravismo no Ocidente, agora moderno. Porém abstratas instituições, como a natural desigualdade entre os homens, a legitimidade do mando do proprietário das "peças", a hierarquia social, e a própria ideia de que o escravismo é inerente (e absolutamente necessário) à boa ordem social, não eram suficientes para garantir a estabilidade dessa sociedade escravista. Foram frequentes as fugas e atos de revolta contra os desmandos dos Senhores, e ainda, se a situação coletiva dos escravos não poderia ser contestada, situações individuais o poderiam. E muitas vezes o eram.

Muitos escravos e escravas submetiam-se à lascívia de seus senhores com medo da reação a uma possível recusa. Em 1739, o minerador Álvares Cabral, perante o Comissário do Santo Ofício, reconheceu que há oito anos sodomizava seis escravos seus "sendo forçados ou quase forçados a tal". Nos dias subsequentes, alguns dos escravos se apresentam perante o mesmo comissário e admitem terem cometido o pecado. Um deles, o jovem Antonio Jorge Ladano, é enfático ao descrever seu motivo: "violentado do medo do castigo e por respeito a seu senhor".[5] Em 1759, Francisco Serrão de Castro, herdeiro do engenho Boa Vista, chama seu escravo João Marimba, recém-chegado de Angola, para o mato: "Aí mostrou-lhe seu pênis, mandando que o negro boçal o pegasse. Apesar do medo e pejo obedeceu. Mandou então que se deitasse com a cara no chão e o sodomizou".[6] Porém, também havia os que se recusavam a ceder se o senhor pretendesse ultrapassar os limites convencionalmente instituídos da conduta sexual, como o negro João da Siva, 21 anos, que em 1742 relata que seu amo Manoel Alves, na primeira noite depois de o adquirir, "mandara que fosse ter com ele à sua cama e entendendo que era para ato pecaminoso, disse-lhe que "se o comprara para esse efeito, que o tornasse a vender",[7] ou o próprio João Marimba que, passado um ano do episódio descrito acima, fora novamente chamado pelo seu senhor com as mesmas intenções e dessa vez se nega respondendo que "não era negra para pecar com ele, mas que era homem ainda que escravo". Sendo atacado, resiste e, mais tarde, depõe contra seu senhor perante o Santo Ofício.

Outro fator importante para compreendermos a atmosfera onde se davam as relações sexuais, espontâneas ou não, na colônia, é a sensação de fugacidade que seus habitantes sentiam ao viver aqui. Fernando Novais, em seu capítulo para a "História da Vida Privada no Brasil"[8], coloca a mobilidade

---

5 ANTT, IL, Caderno do nefando n.º 20, fl. 364.

6 ANTT, IL, Processo 17.759.

7 ANTT, IL, Caderno do Nefando n.º 20 (16-10-1742).

8 Novais, Fenando A (org.). *Condições da privacidade na Colônia.* In *A História da Vida Privada no Brasil* – vol 1. São Paulo, SP, Cia. das Letras, 1997.

como a mais geral característica da população no mundo colonial, em contraste com a relativa estabilidade no velho mundo. A contínua chegada de novos contingentes populacionais criava a necessidade de integrar novas pessoas aos círculos de intimidade, criando a sensação de fluidez em relações que não tinham tempo de se sedimentarem. Sensação intensificada pelos contínuos deslocamentos devidos às "correntes de povoamento". O próprio Antonil, em 1711, identificava nos primeiros povoadores das Minas os "filhos de Israel no deserto".[9]

Enorme território colonial de tão pequena metrópole fez que o espírito aventureiro e semeador português[10] se dispersasse neste vasto espaço, criando uma angustiante sensação de descontiguidade na população colonial. População esta já composta por enorme variedade étnica de índios, negros, e muitos desterrados peninsulares pelas mais diversas faltas, ou até mesmo pela possibilidade de ainda virem a cometê-las.[11] Desterrados portugueses que poderiam buscar na Colônia o mesmo abrigo tranquilizador que Sófocles concedeu ao desterrado filho de Laio em uma das tragédias de sua trilogia tebana, *Édipo em Colona*. Depois de uma funesta relação com a mãe-pátria, Édipo e os desterrados ansiavam por uma nova terra-mãe que os acolhesse e que pudesse ser fecundada por seu espírito semeador. No entanto, as sensações de descontiguidade, desconforto, instabilidade, fluidez e desterro marcavam profundamente o viver nesta Colônia. Nesse quadro, a necessidade de criação de zonas intermediárias, ou de momentos de aproximação, passou a emergir como traço forte desse viver e da procura dos vagamundos aventureiros que povoaram o Brasil, e a miscigenação foi o principal, e mais espetacular, desses espaços de encontro. Embora óbvio, é válido lembrar que a miscigenação em seu aspecto mais elementar, o físico, nasce em um ato também elementar. E físico.

O ato sexual entre brancos e negros indignou muita gente. Benci, em 1700, registrava sua queixa: "Quantos senhores há casados com mulheres dotadas assim de honra e formosura, e as deixam talvez por uma escrava enorme, monstruosa e vil?".[12] No mesmo início do século XVIII, um viajante europeu ficou assustadíssimo em conhecer um português que trocou uma lisboeta encantadora "pelo amor de uma negra que não teria merecido as atenções de mais feio preto de toda Guiné".[13] O capitão Salvador Bonilha

---

9 Antonil, João Andre. *Cultura e opulência do Brasil (1711).* São Paulo, Cia. Editora Nacional, s/d.

10 Expressões concebidas por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil.*

11 Ver Souza, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro,RJ, Edições Graal, 1982.

12 Benci, Jorge. *Economia cristã do governo dos escravos.(1700)*.São Paulo,SP, Grijalbo, 1977.

13 Freyre, Gilberto. *Casa Grande e Senzala.* Imprensa Oficial, Recife, PE, 1966, 2 volumes.

chocou tanto os vizinhos de uma vila de São Paulo por tratar demasiadamente bem seus escravos e "dar de comer, com largueza, aos negros novos, para pecar com eles, matando porcos para mimar os negros minas...e assim os atrair melhor para o nefando", que o denunciaram, principalmente por ele "regalá-los com aguardente", completamente enervados.[14] E no Maranhão é até hoje conhecida a história da filha do dono de um arraial, que se apaixonou por um escravo da família, engravidou e foi enterrada viva com o amante pelo próprio pai.[15]

Se a miscigenação é o principal ponto de aproximação entre os habitantes da colônia, nas zonas produtoras voltadas ao comércio exterior (como o litoral nordestino ou as Minas) seu principal fruto é o mulato, personagem que rouba a cena colonial e inspira medo, despeito e desejo nos outros caracteres. Em 1711, Antonil cita um provérbio, já então muito conhecido, que diz: "O Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e mulatas".[16] Para estes últimos "todos os mimos são seus" e "eles e elas da mesma cor, ordinariamente levam no Brasil a melhor sorte; porque com aquela parte de sangue de brancos que têm nas veias e, talvez, dos seus mesmos senhores, os enfeitiçam de tal maneira que alguns tudo lhes sofrem, tudo lhes perdoam", salvo quando "por alguma desconfiança ou ciúme o amor se muda em ódio e sai armado de todo gênero de crueldade e rigor". Minado era o paraíso dos mulatos.

A Gregório de Matos também não passa despercebida a submissão dos poderosos à sensualidade dos mulatos:

"Muitos mulatos desavergonhados,
trazidos sob os pés os homens nobres,
posta nas palmas a picardia
...Eis a cidade da Bahia"

Neste poema, apropriadamente cunhado "Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia", vislumbramos o brilhante jogo semântico criado pelo autor, pois, se sob os pés os mulatos traziam os homens nobres, nas palmas das mãos postavam a *pica ardia*. Podemos lembrar que a palavra "pica" já possuía um dos mesmos significados que ainda possui, pois à mesma época de Gregório, em 1680, um criado relatou a uma visita pastoral que Luiz Delgado, um vizinho português de seu dono, chamando-o à porta de sua casa perguntou-lhe maliciosamente em segredo: " Miguel, quero saber, tendes três

14 ANTT, IL, Caderno do Nefando n 19, (25-9-1741).

15 Assunção, Matthias Rohrig. *A Guerra dos Bem-te-vi.* São Luiz, Ma, Sioge, 1988.

16 Antonil, João Andre. *Cultura e opulência do Brasil (1711).* São Paulo, Cia Editora Nacional, s/d.

polegadas de pica?".[17] Muitas das atuais palavras usadas para significar órgãos ou atitudes sexuais já eram largamente empregadas na colônia: Padre Antônio Guerra, quando perguntado por um homem procurado, respondeu que "bem o conhecera por que lá fizera a punheta com ele"; em 1645, o escravo Jerônimo Soares e o mulato conhecido como Bugio são denunciados pela fama pública de que "um chupava o outro";[18] em 1753, testemunhas denunciam o padre André da Silva Ribeiro, e contam "que de sua cama ouviram-no chamar ao preto Antonio dos Santos por estas palavras: "Vem cá, dá-me o cu, dá-me o cu, que quero foder";[19] e em 1592, a degredada portuguesa Francisca Luiz, negra forra natural da região do Porto, ao saber que sua amante, Isabel, havia tido relação íntima com um homem, foi esperá-la à porta do casal (elas duas), e ao chegar Isabel, Francisca soltou aos gritos: "Velhaca... Quantos beijos dás a teu coxo e abraços não me dás um?! Não sabes que quero mais a um cono do que quantos caralhos há?!" Todos os vizinhos vieram ver o que estava acontecendo e então Francisca enfiou Isabel aos tapas, e ainda gritos, para dentro da casa das duas.[20]

Muitas vezes, a preferência por parceiras "de cor", ou a inevitável comparação com as mulheres brancas, era declarada pública e notoriamente pelos homens, começando com a já citada comparação de Caminha de que a vergonha de uma índia faria vergonha às portuguesas "por não terem as suas como a dela". No fim do período colonial, um viajante francês, Charles Expilly, proclama que "aquele que sentiu duas vezes o cheiro acre, mas embriagador, da catinga de uma negra, achará desde então muito desenxabido o cheiro que exala a pele da mulher branca".[21] Mas, no início da colonização, de forma geral, havia poucas mulheres para serem comparadas umas com as outras (ao menos nas zonas açucareiras). Os escravos eram considerados "feixes de músculos"[22] e, por isso mesmo, a preferência pela importação de "peças" masculinas. À falta de mulheres nas colônias, alguns autores ligam a alta incidência do pecado da sodomia, denunciado na primeira visitação do

---

17 ANTT, IL, Processo n 4.769 e 4.230.

É útil lembrar que o tamanho do órgão genital masculino, assim como o da largura do quadril das mulheres, era um dos critérios de compra dos escravos, pois eram considerados ligados à sua fertilidade.

18 ANTT, IL, Caderno do Promotor n 29, Bahia (4-12-1645).

19 ANTT, IL, Caderno do Nefando n 20, fl. 139 (22-3-1753).

20 ANTT, IL, Processo 13.787.

21 Mott, Luiz R. B. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição.* Campinas, Sp, Papirus, 1988. Pag 55.

22 Reis, João José ; Silva, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo, SP,* Cia. das Letras, 1989.

Tribunal do Santo Ofício, no nordeste colonial. Esta visitação ocorre durante o primeiro *boom* econômico do açúcar brasileiro, sinal de que a colônia aumentava sua participação na dinâmica econômica do Império português, mesmo como periferia do sistema que a regia,[23] e que deveria, portanto, ser vigiada mais de perto, principalmente por ter sido destino de muitos cristãos novos fugidos do Reino.

Desde o século XIII, sucessivas leis condenaram este "pecado contra a natura" chegando mesmo a muito acuá-lo no reino lusitano. Porém, com as grandes navegações, hábitos de outras culturas apareceram e instigaram o espírito semeador português. Nas colônias brasileiras, tribos indígenas e dissidentes de tribos africanas praticavam o homossexualismo, e o contato entre estes e os colonizadores pode ter afrouxado a autoproibição de tal prática entre os reinóis. Em muitos destes também era forte a atração por parceiros "de cor" (esta expressão abrangia negros, mulatos, muçulmanos, indianos trazidos como escravos, índios e todos os indivíduos que não pertencessem à raça branca dominante). Muitas mulheres brancas não tinham somente que competir com suas escravas a preferência dos maridos, mas também com seus escravos, como a esposa do advogado que fora ao mercado "procurar por um africano espadaúdo, musculoso de feições chatas e grossas, para partilhar debaixo de seu teto, o próprio leito, desprezando o tálamo onde refreava as lágrimas uma infeliz abandonada"[24], ou como a esposa do capitão José de Lima Noronha Lobo, que conviveu por dezoito anos com a amancebia do marido e de seu escravo Antonio, que para consumá-la se encontravam sempre num lugar escuro e secreto, o bananal do quintal.[25]

Nos solteiros, o pecado sem nome entre brancos e gentes de cor chamava ainda mais atenção, e denúncias. Luiz Delgado, o português que perguntou ao criado do vizinho sobre as "polegadas de pica", foi delatado por andar sempre conversando, e rindo, com seu escravo e amante. Ombro a ombro. Quando a um escravo era apenas permitido andar atrás de seu Senhor. Luiz Delgado foi denunciado inúmeras vezes por ser notório o carinho com que tratava seus parceiros. E mesmo quando não era notório. Quando se instalou perto do Convento do Carmo, no Rio de janeiro seiscentista, o padre que morava num sobrado em frente à sua casa testemunhou que ficava observando Luiz tratar com singularidade um outro companheiro, "vendo de sua janela Luiz Delgado penteá-lo e (lhe) amarrar as fitas nas mangas da camisa...antes

---

23 Novais, Fernando. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial.* São Paulo, SP, Braziliense, 1998.

24 Pires de Almeida, José Ricardo. *Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Rj, Lalmmert e C. Eds. 1906. Pag. 168.

25 ANTT, IL, Caderno do Nefando n 20, fl. 458 (30-6-1778).

que saísse para fora".[26] O cabo de esquadra Inácio Geraldes, no Arraial do Tijuco, em 1762, também chamou atenção ao comprar o crioulo Anselmo, 18 anos, natural de Taubaté, que trabalhava no contrato de diamantes, e logo após começar a tratá-lo como filho, mandando-o buscar na cozinha para afagá-lo. Mas chamou mais ainda atenção quando, uma vez, o pegou conversando com outro soldado e o prendeu com correntes de ferro, por ciúmes.[27] Na Bahia, uma garota portuguesa de treze anos, Guiomar Piçarra, foi denunciada por se envolver com uma negra da Guiné, Mécia, "ajuntando suas naturas em desonesta amizade"[28] e um negro do Benim é denunciado por tacar pedras, descontroladamente, em quem o chamasse por Antônio, seu nome. Só aceitava ser chamado de Vitória.[29]

Em 1595, um denunciante conta ao visitador do Santo Ofício que se escondeu, às escuras, por trás da porta de seu vizinho, chamado Baltasar da Lomba, homem solteiro, que "costumava coser, fiar e amassar como mulher", e pôs-se a escutar por uma abertura da porta (!) que o dito Baltazar estava com um índio chamado Acahuy numa rede que rangia, que ambos ofegavam, e que o índio dizia em sua língua umas palavras que significavam: "Queres mais? Queres mais?".[30] Depois, outra denúncia atesta que esse Baltazar da Lomba foi visto por uma índia fazendo o mesmo pecado com um negro "em cima de umas ervas" fora de casa. E outra ainda atesta que esse mesmo Baltazar (!!) se mudou para a aldeia do Guaramane, a provável aldeia de onde veio Acahuy, e que se relacionou com quase todos os jovens índios de lá. O que deve ter acontecido, pois a maioria dos índios acusados como agentes de sodomia, nesta visita da Inquisição, são os que os delatores dizem que experienciaram o Baltazar.

Grande parte destas denúncias foram feitas aos oficiais das inquisições eclesiásticas pelos próprios habitantes ao lado. No Brasil colonial era praticamente impossível esconder qualquer coisa dos vizinhos. Os núcleos populacionais urbanos eram pequenos e as casas se dividiam entre si em meia-

---

26 Ver a imperdível análise de Luiz Mott contando a viagem épica desse homem, que começou tocando viola, fazendo pequenos furtos com o irmão, e se relacionando amorosamente com o irmão da noiva na cadeia. *Desventuras de um português no Brasil seiscentista* In *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição.* Campinas, SP, Papirus, 1988. E sobre ele também ver a análise de Ronaldo Vainfas, tratando de como ele e seu advogado de defesa português brilhantemente driblaram a Inquisição portuguesa pela última vez em que foi apanhado. In *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial.* Rio de Janeiro, RJ, Editora Campus, 1989. Págs 168-175; 266-268; 307; 322-324.

27 ANTT, Il, Caderno do Nefando n.º 20, fl. 329.

28 ANTT, IL,Processo 1.275.

29 ANTT, IL, Caderno do Promotor n.º 29, Bahia (4-12-1645).

30 Denunciações de Pernambuco, 1595. Pág. 399-401 (31).

parede. Casas cobertas, amantes descobertos, vizinhos fofoqueiros. Foi o vizinho que se escondeu atrás da porta do da Lomba para escutá-lo na rede com o índio e denunciá-lo. Foram os vizinhos que levaram a comoção de Francisca e Isabel para o juízo eclesiástico, e que denunciaram indignados o que dava de comer para os negros novos, cheios de água ardente. Mas não eram apenas os segredos de amores que os vizinhos precisavam contar. Eram quaisquer segredos. Veja-se o caso de Guiomar Tavares, quituteira, que achou necessário denunciar o "marido da vizinha da vizinha" por este ser chamado pela própria mulher, em fúria, de somítigo (uma palavra tupi para homossexual) durante as brigas do casal. Na casa ao lado da casa da vizinha de Guiomar. Depois a quituteira denunciou a mais gente. Que nem conhecia. Dona de uma "indefectível vontade de 'murmurar'".[31]

A máquina da Inquisição se liquefaria se uma parte da população não colaborasse com ela por vontade de mostrar serviço, por medo do Diabo, ou pior ainda, por medo do Inferno Inquisitorial. O pânico gerado pela possibilidade de torturas, humilhações, fogueiras e desterros desenvolvia as delações e dissolvia os vínculos de solidariedade internos.[32] No entanto, como dirá mais tarde outro futuro vizinho, Ernesto Guevara, "Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a *primavera* inteira". Outro tipo de resistência criativa também nasce em meio aos desaventos, e assim foi frente o levantar da Inquisição no Brasil colonial, trazendo novos laços de solidariedade internos: pactos de silêncio, reinvenções coletivas de histórias a serem contadas, quando delatadas, na mesa inquisitorial, fugas em conjunto, procura de parceiros de relações antigas para sintonizarem a omissão de detalhes, e, até mesmo, confissões combinadas para autoproteção.

Em algumas dessas denúncias percebemos a posição de periferia ocupada pelas colônias brasileiras no sistema mercantilista português, a que aludimos acima, como na confissão de Belchior da Costa, quando, depois de contar como pecara com Mateus Nunes, foi inquirido sobre a ciência do pecado, ao que respondeu "naquele tempo não entendeu ele confessante bem ser isso pecado",[33] e Antonio de Aguiar, 20 anos, morador do Recôncavo baiano que disse "sabia que era pecado, mas não que era tão grave".[34] Justificativas (verdadeiras ou não) impensáveis em território peninsular devido ao olho mais atento da Inquisição. Isso mostra como os habitantes da América portuguesa muitas vezes tinham, ou

---

31 Expressão brilhantemente formulada por Ronaldo Vainfas em seu artigo *A Teia da Intriga.* IN *História e Sexualidade no Brasil.* Graal, Rio de janeiro, RJ, 1986. Pág. 62.

32 Ver o minucioso estudo sobre o assunto de Ronaldo Vainfas em *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial.* Rio de Janeiro, Editora Campus, 1989.

33 Confissões da Bahia, 1591, pág. 115.

34 Confissões da Bahia, 1591, pág. 152.

fingiam ter quando isso os livrava de opressões, uma noção distante das práticas culturais dominantes na Península Ibérica.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda coloca como principal característica da nossa civilização as consequências advindas da tentativa de transpor uma cultura europeia para sua implantação nos trópicos. Uma forte resultante dessa transposição é nosso particular aspecto religioso: "Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa... culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade "democrático", um culto que dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, nosso sentimento religioso".[35] Catolicismo que também foi tangido pela sensualidade que se manifestava nas colônias portuguesas, como podemos ver na exclamação da cigana Apolônia, que quando estava andando sob uma chuva intensa em Salvador, em meio ao barro soltou: "Bendito sea el carajo de mi señor Jesu Christo",[36] ou na afirmação de João de Souza, negro morador de Paracatu, de que a maçã do paraíso "eram as partes pudendas de Eva, e que Deus proibira Adão de comê-la", e que, quando sentia brochar-lhe o órgão sexual, recitava: *Et inclinato capite, emisite spiritum (e, inclinando a cabeça, entregou o espírito)*.[37]

Essa corrupção do sentimento religioso foi ainda auxiliada pelo comportamento inadequado, segundo a ortodoxia católica, dos próprios padres que, muitas vezes, eram amancebados (mais da metade dos padres da região de Ilhéus em 1813),[38] homossexuais ou homossexuais amancebados. Afora os padres que usavam do sacramento da confissão para assediar os fiéis, como o padre Bernardo José de Matos, que mandava algumas mulheres baterem no peito pedindo perdão a Deus, enquanto lhes tocava o busto.[39] Numa sociedade assentada sobre diferentes graus e esferas de privilégios, que iam desde grandes monopólios comerciais à cessão, por soldados, de melhor lugar na "fila da água" para as mulatas mais bonitas, encontramos até um sacerdote que foi acusado de privilegiar suas concubinas ao ministrar a comunhão.[40] Numa terra

---

35 Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, RJ, 1975. Pág. 109-111.

36 Vainfas, Ronaldo; *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial.* Rio de Janeiro, RJ, Editora Campus, 1989.

37 ANTT, Caderno do Promotor n 130 (1775).

38 *Devassa nas freguesias da Comarca do sul da Bahia no ano de 1813,* depositado na Cúria Arquidiocesana de Salvador.

39 ANTT , Caderno dos Solicitantes n.º 26, fl. 74 (1743-1745).

40 *Devassa nas freguesias da Comarca do sul da Bahia no ano de 1813,* depositado na Cúria Arquidiocesana de Salvador.

onde a patrimonialização do Estado é feita pelo *homem cordial,*[41] que tudo submete ao seu campo de intimidade, por que não o poderia a patrimonialização dos sacramentos pelo *padre cordial*? Ainda mais em tempos de festa?

As festas religiosas foram outro espetacular ponto de aproximação, por sua própria natureza, dos habitantes de todas as cores da colônia. Palco para a explosão da vitalidade em suas mais variadas expressões.[42] Quando havia essas festas, os núcleos urbanos atraíam uma miríade de expedições desbravadoras empreendidas pelas gentes de fora dali: pequenos roceiros, grandes senhores acompanhados de suas famílias e escravos em caravanas, tropeiros, etc. Atrair os colonos para as festas devotas era a própria intenção da Igreja. Em São Paulo, 1752, o Bispo ameaça de "ex-comunhão maior" quem não viesse à procissão de São Francisco. Até as irmandades enclausuradas em conventos eram obrigadas a virem para fora e assistirem os ritos. Muitas Câmaras Municipais obrigavam o enfeitamento das vilas. Até as negras quitandeiras já foram obrigadas a cobrirem e perfumarem as ruas com folhas-de-cheiro exóticas. Às custas das próprias negras quitandeiras, claro!

Havia até ordens de prisão a quem não comparecesse para garantir a "segurança" contra fugas de escravos índios e negros, que eram comuns durante as festas. Com esse ajuntamento de gente instalava-se uma enorme gregariedade em meio à alegria dos santos, mesmo que isso desagradasse o alto clero e alegrasse o baixo, de onde até seus membros saíam da normatização para celebrar, trazendo suas amásias, bebendo e jogando cartas com os fiéis. Mesmo que convocada por ela, essa vitalidade e bulício do povo (e dos padres) tirava a Igreja do sério, enervando-a.

Os superiores da hierarquia eclesiástica da São Paulo setecentista reclamavam nas pastorais: do riso popular causado por estes simpáticos padres despudorados, pelas improvisações teatrais que os retratavam com graça, pelo maestro que errava a condução das músicas, pelo coral desafinado que acompanhava o maestro no erro; das danças "desonestas" no intervalo das músicas sacras; da "escravatura ignorante" que guardava os dias de festa para se esbaldarem em "bebidas, jogos e bailes"; dos batuques. Reclamavam de um "pecado detestável" e comum nas igrejas no momento dos ritos: as "murmurações". Pecado que, ininterruptamente, enervava os padres no púlpito, e que depois frequentava os

---

41 Outra expressão clássica criada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*.

42 Sobre as festas coloniais, ver o vivíssimo artigo, usado aqui, de Mary del Priori "Deus dá licença ao diabo", que se calca nas celebrações paulistanas do século XVII, in Vainfas, Ronaldo (org). *História e Sexualidade no Brasil.* Graal, Rio de janeiro, RJ, 1986. E o delicioso *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa.,* organizado pelo professor István Jancsó, orientador deste artigo, e pela professora Iris Kantor.

próprios padres nas sacristias e enervava, ininterruptamente, seus superiores. Reclamavam também das horripilantes quantidades de comida e regabofes que os fiéis, ou seja, os "murmuradores", levavam para dentro da igreja na hora dos ritos, e que após efusiva ingestão abandonavam o que sobrou, como as bagaceiras, sobre os bancos. Ou pousados nos cantos. Ou que consumiam nos "incontáveis tabuleiros de doces" nas ruas e portas da igreja na Semana Santa. Semana de jejum.

Para Foucault, o desejo e a satisfação de comida levam ao desejo de satisfação sexual.[43] Uma coisa está ligada à outra, pois o corpo, ao se alimentar, armazena a energia necessária para o ato da reprodução e se dispõe a ela. Assim percebemos porque as libações populares azedavam o humor da Igreja, e porque esta reclamava da mistura de homens e mulheres de todas as cores nas rezas noturnas, sob os adros das igrejas, à luz de velas. A noite trazia os fiéis para a igreja, e estes por alguns momentos paravam de murmurar. E só Deus sabe por quê. Por isso, nas mesmas pastorais, chegou-se a proibir as festas religiosas à noite. Como somente isso não funcionou, proibiram-se também os enterros à noite. Sem resultados, proibiram-se às portas das igrejas de também abrirem à noite para qualquer oração. Sem noites. Sem fiéis. Sem encontros. Sem resolver o problema, por fim, proibiram-se os fiéis de frequentarem a igreja sem seus consortes. Inclusive durante o dia.

Reclamavam das mulheres que iam à Igreja com saia curta (à altura dos tornozelos); dos homens que entravam sem desmontarem dos cavalos; dos que entravam com "chinelas"; dos que rezavam ajoelhados em um joelho só. Para poupar o outro. Estas atitudes na maior parte das vezes não significavam menosprezo ou repúdio à religião, mas sim tentativas dessas gentes de fugir às normatizações que a opressão do poder tentava infringir, o tempo todo, na solidão colonial. E com um pouco de originalidade. Tentativas de escape que também provocavam a violência. As pastorais reclamavam das brigas e lutas constantes, nas quais até uma mulher poderosa levou seus tios, sobrinhos e escravos, todos armados, à igreja, para chacinar alguns desafetos. Na missa da festa de Nossa Senhora de Nazaré. "Na festa, a regra será esquecida, a norma será quebrada, quanto mais rígida é a ordem, mais ensandecida é a festa e mais libertadora é a desordem"[44], até este brilhante momento fugaz, às vezes, se desfazer em assassinatos pelos *homens bons* (ou pelas *mulheres boas*).[45] Ou até a

---

43 Foucault, M. *Le combat de la chasteté* in Ariès,Béjin, ª (org). *Op. Cit.,* pág 27.

44 Priori, Mary Del. *Deus dá licença ao diabo.* in Vainfas, Ronaldo (org). *História e Sexualidade no Brasil.* Graal, Rio de Janeiro, RJ, 1986. Pág. 105

45 *Homens bons* era a expressão que se usava nos documentos oficiais para os homens de cabedais que dirigiam a economia e a política das vilas.

festa acabar tranquilamente e cada moça quituteira, cada tropeiro, cada escravo voltar para seu lugar e continuar a vida.[46] Até a próxima festa.

E continuar a vida sob o olho do Grande Senhor.

Este *homem cordial* nasce nos grandes complexos açucareiros fechados em sua autossuficiência. Isolados do mundo e submissos a um pai, o Senhor do Engenho, os habitantes desses micro-universos reconhecem a família como principal núcleo organizatório. E é com essa relação familiar, íntima, que mais tarde eles se espalharão e se relacionarão com o mundo. Os escravos, assim como os padres, também não fogem a essa regra. Conhecedores das mazelas íntimas de seus Senhores, usarão de artifícios ligados a elas para negociarem emocionalmente com eles e saberão usar esse paternalismo para se beneficiarem ou, ao menos, se protegerem.

João José Reis e Eduardo Silva em *Negociação e Conflito,*[47] mostram as inúmeras formas que os escravos usavam para, no cotidiano, negociarem com seus senhores, ou ainda, através destes, com a própria sociedade escravocrata.[48] O lado paternalista do colono possuidor de escravos era sabiamente invocado, em momentos difíceis, por estes próprios escravos. O Juiz de Paz Antonio Guimarães, apesar de geralmente inflexível no cumprimento da lei, cedia ao choro de mulatas arrependidas.[49] Esse tipo de apelo emocional provavelmente camuflava uma sábia artimanha dos crioulos para escaparem aos inúmeros tipos de punições a que estariam sujeitos. Os escravos mulatos, quando não eram vistos como amantes, eram vistos como filhos, criaturas no meio caminho do amadurecimento social a serem tuteladas pelo experiente pai branco,[50] e muitas vezes, tiravam vantagem de sua condição de filhos-propriedade.

Antonil, em citação já feita, onde mostra como os mulatos *enfeitiçavam* seus senhores, continua: "E não é fácil cousa decidir se nesta parte são mais remissos os senhores ou as senhoras, pois não falta entre eles e elas quem se deixe governar de mulatos". Ladinos, tiveram que desenvolver formas inteligentes

---

46 *E cada qual no seu canto/ E em cada canto uma dor/ Depois da banda passar/ Cantando coisas de amor*. *A Banda*, canção composta pelo filho de Sérgio Buarque de Holanda, Chico Buarque, numa época em que o poder político no Brasil foi tomado por outros *homens bons*, os dirigentes militares de então.

47 Reis, João José; Silva, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo, SP,* Cia. das Letras, 1989.

48 O regime escravocrata no período colonial era retroalimentado pelos próprios escravos. Muitos, ao se libertarem, tratavam de tornarem-se, também, senhores de escravos.

49 Reis, João José; Silva, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo, SP,* Cia. das Letras, 1989. Pág. 44-47.

50 Branca era a cor a que nem todos esses senhores, homens de cabedais ou bem situados socialmente pertenciam, porém assim gostavam de se representar.

e criativas para sobreviverem melhor à condição, e a sensualidade era uma sua forte moeda de troca. Por outro lado, como vimos, muitos escravos decidiam não ceder às investidas de seus donos, com eles criando enfrentamento. Não possuíam muitas armas e, por isso mesmo, forçoso era serem hábeis em instrumentalizá-las, calculando muito bem seus passos. E uma dessas armas era a denúncia para a Inquisição ou instituição eclesiástica mais próxima, como fez o moçambicano Francisco que, ao contar a que seu Senhor o forçava, foi instigado por uma negra forra "que desse parte aos brancos, por que sabiam os meios para fustigar semelhante pecado".[51] As preferências amorosas dos próprios escravos poderiam levar a esse tipo de denúncia, assim como a outras atitudes passionais, como o africano Benedito que foge por causa de "uma tal Perpétua, sua amásia",[52] talvez vendida para outro Senhor. O rompimento afetivo forçado era dos momentos mais dramáticos na vida de um escravo. Continuemos com Antonil: "Os que desde novatos se meteram em alguma fazenda, não é bem que se retirem dela contra sua vontade, porque facilmente se amofinam e morrem." E no século XIX, no Rio de Janeiro, ao desativar uma fazenda, o dono pondera: "Separar aqueles escravos uns dos outros e dividi-los pelas outras fazendas..seria além de impolítico, desgostá-los separando-os de uma tribo."[53]

Muitos Senhores chegaram a se amancebar com suas escravas e delas tinham filhos. A própria amancebia poderia ser arma para negociação da alforria, mas essa promessa de liberdade nem sempre era cumprida quando se realizava o ajuntamento. Essas uniões, que fugiam ao padrão das outras uniões entre indivíduos da mesma classe, frutificavam no que normalmente frutifica o encontro sexual constante entre um homem e uma mulher, mesmo que de classes opostas: filhos.

Nem sempre escravos como as mães, essas crianças que eram libertadas pelo pai, ou que já nasciam de mães livres, não se encaixavam muito bem na sociedade estratificada instaurada aqui. Pais classificados, filhos desclassificados, oprimidos entre dois polos desta ordenação. O número desses indivíduos inclassificáveis cresce gradualmente durante o período colonial, porém saltando no século XVIII, período de notável aceleração histórica.[54]

---

51 ANTT, IL, Caderno do Nefando n.º 20, fl. 364.

52 Reis, João José; Silva, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista.* São Paulo, SP, Cia. das Letras, 1989. Pág. 63.

53 Carta do barão de Pati do Alferes a Bernardo Ribeiro de Carvalho, Monte Alegre, 20/2/1859, *apud* Reis, João José ; Silva, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista,* pág. 64.

54 Para essa noção de desclassificação e seu contexto histórico, ver Mello e Souza, Laura de . *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, RJ, Edições Graal, 1986.

Mas apenas ser um mestiço livre não tornava alguém um "desclassificado". O que colocava um indivíduo nessa condição era o seu não aproveitamento na máquina do antigo sistema colonial, voltado à geração de lucros para a metrópole. Porém este sistema, contraditoriamente, não deixava lugar para a grande massa livre, e sem cabedal, empregar qualquer tipo de ação produtora. Essa massa que certamente não se identificava com os escravos, não possuía capital para empregar-se nas grandes unidades de produção colonial. E quando não era temporariamente absorvida por esta (como na fortificação de fronteiras, em guerras ou expedições reconhecedoras), ficava à deriva.

Esses desclassificados eram muitas vezes chamados de vadios, o que poderia significar: "trabalhador esporádico, homem desprovido de dinheiro, criminoso, ladrão, sublevado, revoltoso e até mesmo potentado dissidente".[55] A eles geralmente eram associadas posturas heterodoxas de comportamento. Filhos de uniões pouco ortodoxas, graciosamente não negariam aos seus.

Amplo é o leque de ocupações (ou não ocupações) desses desclassificados: quituteiras nas minas, faiscadores, prostitutas, ciganos, andarilhos, donas de bordéis, de botecos, degredados (estes eram os desclassificados e Édipos do Império português que eram mandados para as Colônias), índios aculturados, etc. "Ao contrário dos senhores e dos escravos, essa camada não possui estrutura social configurada, caracterizando-se pela fluidez, instabilidade, pelo trabalho esporádico, incerto e aleatório".[56] Junte-se a isso a desoladora sensação de descontiguidade e efemeridade de que fala Novais, e a falta de interesse da igreja por essa camada, e podemos vislumbrar a emergência da necessidade dessas gentes de apegarem-se à vida em suas manifestações mais evidentes, carnais. Onde, na colônia, há qualquer batuque, qualquer bafafá, ou exibições com conotações sexuais, lá estão os desclassificados *façanhudos,*[57] com outros escravos ainda mais *façanhudos*.

Na hierarquia social desse período, havia hostilidade recíproca entre escravos africanos e crioulos (que nasciam aqui), pois estes obtinham privilégios junto aos seus proprietários e não aceitavam a identificação com os primeiros. Porém, algumas manifestações culturais, como as festas religiosas cristãs que vimos aqui, ou os cultos afro-brasileiros (forjados nessa época), como o candomblé, eram homogenizadoras e agregavam crioulos, africanos, mestiços e brancos forjando com o tempo uma rede de cooperações, combatida pelas classes dominantes que se sentiam ameaçadas em seu sistema assentado na violência impingida àquela

55 *Idem,* pág. 65.

56 *Idem* pág. 63.

57 Expressão que Mário de Andrade usava para os mulatos desclassificados em *O Aleijadinho*(1928), in *Aspectos das artes plásticas no Brasil.* São Paulo, s.d. p. 19-20.

gente. A amancebia também era característica predominante nessa camada, pois, além de se enquadrar melhor à fluidez e insegurança que caracterizava a vida desses indivíduos, estes nem sempre podiam arcar com as despesas que demandava a oficialização do sacramento matrimonial, embora muitas vezes decididamente se esforçavam para isso, até duas vezes, sendo depois acusados de bigamia. Neste sentido, podemos dar o singular exemplo da denúncia do escravo Manuel de Souza, que depois de ter casado pela primeira vez, provavelmente por imposição de seu dono, dez anos depois decidiu casar pela segunda vez com outra escrava porque "lhe tinha grande inclinação... grande amor". Foi se apresentar com a moça na igreja de outra freguesia, onde não o conheciam, levando como testemunhas de sua solteirice alguns ciganos que conheceu pelo caminho e que lhe atenderam orgulhosos, e felizes, o pedido.[58] Laços de solidariedade, e de amor, internos, coloniais.

III. O Desfalecimento, o Silêncio e a Reflexão

Aos pares antagônicos com precisões físicas que encontramos em todo o período em que o Brasil era um aglomerado de colônias portuguesas, como norte/sul, litoral/interior e rural/urbano somam-se ainda pares ideológicos e abstratos, categorias como senhor/escravo, brancos/gente "de cor", ordem/desordem e, talvez o mais importante para este ensaio, a dicotomia que se dá entre o público e o privado. Nesta época, o limite entre essas duas esferas começava a se estabelecer e causava mais escândalo dois padres (sendo um chamado de "Angola") em procissão pelas ruas tocando violas e acompanhados de uma "crioula" que, vestida de homem, cantava modas da terra,[59] do que um padre que se relacionava com um escravo de seis anos de idade.[60] Questão do quanto se expunha. Foi nessa dialética que se deu nossa miscigenação, às vezes corajosa, se expondo na rua ao som de violas de padres e voz de mulher vestida de homem, ou no expressivo silêncio das alcovas, dos bananais, das estatísticas.

Para concluir este ensaio recorro, novamente, a Fernando Novais, no belo trecho que explica a resultante do convívio, das inter-relações no caos da diversidade e solidão coloniais, e faço minhas as suas palavras, por não me ser possível formular outras com tamanha e singela exatidão: "Precisamente isso decorre lentamente nos domínios da intimidade e do cotidiano, o que mostra, aliás, que longe de ser uma história de nemigalhas e futilidades, estamos aqui no núcleo fundamental de nossa constituição enquanto povo e nação, abrimos a possibilidades de compreender algo do nosso modo de ser. Estudar, portanto,

---

58 ANTT, IL, Processo 9110.

59 Luna, F.V. & Costa, I.N. A Vida cotidiana em julgamento: Devassas em Minas Gerais p 7.

60 Ver alguns casos em Vainfas, Ronaldo. *Confissões da Bahia.* São Paulo, Sp, Cia das Letras, 2005.

as manifestações da privacidade e do cotidiano, neste caso, significa sondar o processo mais íntimo de nossa emergência na história".[61]

Referências Bibliográficas

ANTONIL, João Andreoni. *Cultura e opulência do Brasil (1711).* São Paulo, Cia. Editora Nacional, s/d.

BENCI, Jorge. *Economia cristã do governo dos escravos (1700).* São Paulo, SP, Grijalbo, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala.* Imprensa Oficial, Recife, PE, 1966, 2 volumes.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, RJ, 1975.

MOTT, Luiz R.B. *Escravidão, homossexualismo e demonologia,* São Paulo, SP, Ícone, 1988.

MOTT, Luiz R.B. *Rosa Egipcíaca – Uma santa africana no Brasil.* Rio de Janeiro, RJ, Editora Bertrand Brasil S.A., 1993.

MOTT, Luiz R. B. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição.* Campinas, SP, Papirus, 1988.

NOVAIS, Fernando. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial.* São Paulo, SP, Braziliense, 1998.

NOVAIS, Fernando A (org.); *Condições da privacidade na Colônia.* In *A História da Vida Privada no Brasil* – vol. 1. São Paulo, SP, Cia. das Letras, 1997.

PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil.* Rio de Janeiro, RJ, Nova Aguilar, 1999.

61 Novais, Fernando A (org.); *Condições da privacidade na Colônia.* In *A História da Vida Privada no Brasil* – vol 1, Cia. das Letras. São Paulo, SP, 1997, Pág. 23.

PRIORI, Mary Del. *Deus dá licença ao diabo.* in VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e Sexualidade no Brasil.* Graal, Rio de Janeiro, RJ, 1986.

REIS, João José ; Silva, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista.* São Paulo, SP, Cia. das Letras, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças – cientistas , instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, SP, Cia. das Letras.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, RJ, Edições Graal, 1982.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Confissões da Bahia*. São Paulo, SP, Cia. das Letras, 2005.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e sexualidade no Brasil.* Graal, Rio de Janeiro, RJ, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial.* Rio de Janeiro, RJ, Editora Campus, 1984.

Ricardo Cardoso é graduando em História pela USP.
E-mail: ricardo.cardoso@usp.br